



COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos | Empresa Editora: Tip. "União Gráfica" T. do Despacho, 16-Lisboa | Administrador: P. António dos Reis | Redacção e Administração: "Seminário de Leiria"

FÁTIMA -- terra de mistérios, de graças e de milagres

A missa que celebrei na Cova da Iria no dia onze de Agosto constitui uma das impressões mais profundas da minha vida religiosa e por isso eu dou graças à Santíssima Virgem por me ter proporcionado tão grande ventura. O espectáculo do povo em oração, a treze de Agosto, unido em volta dos seus chefes espirituais, encheu-nos de entusiasmo e foi para nós um motivo da maior edificação.

(Cónego Dessain, secretário do Cardial Arcebispo de Malines, em carta ao Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor Bispo de Leiria).

Catorze anos atrás

Eram quasi dez horas da manhã. Abertas de par em par as cataratas do céu, a chuva despenhava-se torrencialmente, inundando os campos e convertendo as estradas e os caminhos em lameiros intransitáveis. A voz débil de três pobres e inocentes crianças, Portugal despovoa-se. Contavam-se por dezenas de milhar os peregrinos de todas as idades, classes e condições sociais, que de todas as provincias acorriam, impulsionados por uma fé e piedade indescritíveis ao local bendito das aparições. Parecia que tinha sido ordenada uma mobilização geral dos cidadãos válidos, na iminência duma guerra com alguma potência estrangeira.

Uma grande multidão, avaliada em setenta mil almas, estacionava na Cova da Iria, aguardando na mais viva ansiedade que se verificasse no céu o sinal tantas vezes predito pelos videntes e prometido pela gloriosa Virgem como prova da realidade das suas aparições.

Ao meio-dia solar, logo que os videntes acabam de rezar o terço, corta o espaço a claridade fulgurante dum relâmpago e a radiosa Visão poussa os seus pés virgínicos sobre a copa da azinheira sagrada e fala aos humildes pastorinhos.

De repente, terminado o celeste colóquio, as nuvens rasgam-se, a chuva cessa de cair e o sol aparece glorioso e triunfante em pleno zénite, espadanando luz e calor.

Três vezes o astro-rei rodopia sobre si mesmo, com uma velocidade assombrosa, parecendo querer desprender-se da abóbada celeste, e, em explosões contínuas, emite feixes de luz viva e intensa que reveste sucessivamente todas as cores do arco-íris.

A multidão, como que electrizada à vista desse fenómeno inaudito, cai de joelhos, chora, soluça e reza, misturando-se, naquela hora única e inolvidável em terras de Portugal, os cânticos de louvor e gratidão das almas piedosas com as súplicas de perdão dos pecadores e com os gritos de júbilo dos incrédulos convertidos pelo golpe formidável da graça divina como Paulo de Tarso no caminho de Damasco...

A Virgem bendita, Padroeira da Nação, abre, na ternura inexgotável do seu Coração maternal, mais uma fonte de misericórdia, de graças e de bênçãos para os seus filhos queridos, nesta terra que se preza e ufana de ser a terra de Santa Maria.

A procissão das velas

Recitado o terço do Rosário alternadamente pelo clero e pelo povo defronte do altar do pavilhão dos doentes, realizou-se a procissão das velas, conforme o costume. Eram cerca de dez horas quando teve início a marcha feérica e deslumbrante da multidão imensa que ia percorrer os domínios da Virgem numa apoteose grandiosíssima de fé, amor e glória. Apesar do vento que soprava e do frio que fazia, a concorrência foi grande.

A procissão das velas terminou à meia-noite pelo canto do Credo.

As peregrinações e os grupos de peregrinos

Entre os grupos de peregrinos que este mês foram a Fátima merece especial menção o da Ilha da Madeira. Era presidido pelo rev.^{do} Manuel Vasconcelos da Encarnação, vigário da Ribeira Brava. Da Ilha de S. Miguel (Açores) estava presente o

quais 130 fiezram a viagem em seis camionnettes e 190 a pé, num percurso de cerca de oitenta quilómetros.

A freguesia de Vila de Rei faz a peregrinação a Fátima em períodos consecutivos de três anos com interrupção doutros três anos. Por ser o ano da aprovação oficial das aparições, realizou-se uma peregrinação extraordinária no último ano do intervalo, tendo sido esta a mais numerosa de todas as que tem feito até hoje. Todos os peregrinos se tinham confessado antes

des do nosso país em que a devoção a Nossa Senhora de Fátima lançou raízes mais fundas. Por isso todos os anos ela envia a Fátima numerosas peregrinações, estuantes de fé viva e de piedade ardente.

Esta peregrinação visitou durante a sua viagem, feita em camionnettes, o Santíssimo Milagre de Santarém, a igreja e o mosteiro da Batalha e o convento de Cristo em Tomar.

A peregrinação da Serra (Tomar) era formada por 700 pessoas presidida pelo

duas primeiras horas foram destinadas à adoração nacional.

Como de costume, rezou-se o terço do Rosário. Nos intervalos das dezenas, explicou os mistérios gloriosos o rev.^{do} dr. Clemente Ramos, distinto professor no Seminário de Évora. Das 2 às 3 horas, foi a hora de adoração para a peregrinação de Vila de Rei. Das 3 às 4, para a peregrinação da freguesia de S. Julião, de Setúbal. Das 4 às 5, para a dos Marrazes (Leiria). Das 5 às 6, para a do Candal. Das 6 às 7, para a da freguesia da Serra, de Tomar.

Durante essas horas de bênção, passadas junto do Divino Rei de glória oculto no seu Sacramento de Amor, milhares de almas ofereceram em união com Jesus-Hóstia o incenso das suas preces, o ouro dos seus louvores e a mirra dos seus sacrifícios em reparação das ofensas feitas pelos homens à majestade divina.

Que imenso caudal de graças, mercê dessas súplicas e dessas expiações, desce do Céu como chuva bendita sobre Portugal e o mundo, apagando culpas, curando feridas, enxugando prantos, fortalecendo corações, banindo temores, estimulando energias, santificando e salvando muitas almas.

Missa dos servitas — Missa da Comunhão geral

A missa dos servitas foi celebrada pelo rev.^{do} dr. Manuel Marques dos Santos, vice-reitor do Seminário de Leiria.

A Missa da Comunhão geral foi celebrada pelo rev.^{do} dr. José Galamba de Oliveira, professor de ciências eclesiásticas no mesmo Seminário.

A pesar de ser Domingo, celebraram-se mais de 40 missas e as comunhões foram em número superior a 5000. Como sempre, a piedade dos fiéis, ao aproximarem-se da mesa eucarística, era intensa, edificando e comovendo os que assistiam a essa cena incomparável em que Jesus dá em alimento às almas a sua carne imaculada e o seu sangue preciosíssimo.

Missa dos doentes — A homilia

Celebrou a missa dos doentes, ao meio-dia solar, o rev.^{do} António dos Reis, administrador da «Voz de Fátima», que, após a missa, deu a bênção com o Santíssimo Sacramento a cada um dos doentes em particular e a toda a multidão de peregrinos, cujo número entretanto aumentava consideravelmente. Assistiram 179 doentes inscritos.

A estação da missa, fez a respectiva homilia o celebrante da missa da Comunhão geral, que, a propósito do evangelho do dia falou sobre o mandamento da guarda do domingo e dos dias santos e das sanções terríveis para os que transgirem esse preceito ocupando-se em trabalhos servís.

A super-produção, disse o orador, a falta de trabalho, a paralização das fábricas fazem à força o que não se quis fazer a bem.

A violação do descanso dominical é



PEREGRINAÇÃO DE AGOSTO DE 1931. — Sua Eminência o Senhor Cardial Patriarca dando a bênção do Santíssimo Sacramento aos doentes
Conduz a umbela o Sr. Dr. Trindade Coelho, Ministro de Portugal no Vaticano.

rev.^{do} Teófilo de Oliveira, pároco da diocese de Fall-River, nos Estados Unidos da América do Norte. Este venerando sacerdote quis visitar o santuário de Fátima antes de partir para a sua terra onde vai descansar durante algum tempo das fadigas da parquialidade, regressando depois à América.

Estes dois eclesiásticos prestaram bons serviços no dia treze, auxiliando tanto quanto puderam os capelães do Santuário.

A peregrinação de Vila de Rei, presidida pelo seu pároco, o rev.^{do} Rafael Jacinto, era composta de 320 pessoas, das

da partida da sua terra e comungaram em Fátima.

As peregrinações de Vila de Rei distinguem-se pela gravidade e compostura e pela piedade fervorosa dos seus membros, o que é motivo de edificação para todas as pessoas que assistem aos actos colectivos dessas peregrinações.

A peregrinação da freguesia de S. Julião, de Setúbal, era dirigida pelo respectivo pároco, o rev.^{do} dr. Pedro Filipe dos Santos Gradil, distinto professor no liceu daquela cidade.

Setúbal, é sem dúvida uma das cida-

pároco, rev.^{do} José Dias Rodrigues, fazendo parte dela um numeroso grupo de Filhas de Maria.

Foram também a Fátima peregrinações do Pórtio, de Viana do Castelo, do Candal (Vila Nova de Gaia), da Ericeira, dos Marrazes (Leiria), etc.

Adoração nocturna

A adoração nacional principiou à meia-noite, assim que se extinguiram os últimos lumes da procissão das velas. As

um acto de revolta contra Deus e uma fonte de maldição para todos.

Estiveram presentes e prestaram serviços durante a missa e os outros actos oficiais muitos seminaristas e os pagens do Santissimo da freguesia do Reguengo do Fetal.

Monumento ao Sagrado Coração de Jesus

Estão lançados os alicerces para um grandioso monumento ao Sagrado Coração de Jesus no centro do recinto das aparições.

A estátua será sustentada por uma pilastra, que ficará assente sobre a parte superior da primeira fonte de água miraculosa.

Era justo que no mais belo centro de devoção à Santissima Eucaristia em Portugal se erguesse a imagem do Divino Rei de amor, dominando o local sagrado, acolhendo todos os peregrinos e espalhando profusamente sobre as almas torrentes de graça e de misericórdia que transbordam do seu amantissimo Coração.

Dora-avante, portugueses e estrangeiros, ao entrarem na Cova da Iria, em visita ao Santuário predileto da Virgem Mãe de Deus, volverão, cheios de surpresa e de júbilo, os olhos, o pensamento e o coração, para Aquele que do seu trono parece repetir, dolorosa e ternamente, esta queixa tão sentida: «Eis aqui o Coração que tanto amou os homens e que da maior parte deles não recebeu senão ingratições e desprezos!»

Uma cura extraordinária

Estavam concluídas as cerimónias religiosas oficiais da peregrinação mensal do dia treze. Os peregrinos, depois de se despedirem da Virgem na comovente cena do adeus após a procissão final, foram-se retirando, pouco a pouco, para as suas terras, próximas ou distantes.

Eram já seis horas da tarde quando um pequeno grupo de pessoas transpõe o pórtico principal do Santuário. No meio delas dois servitas conduzem aos ombros uma maca em que estava deitada uma senhora; Era uma doente do Pôrto que, devido a uma panne do automóvel que a transportava a Fátima, onde ia implorar a graça da sua cura, chegou tarde demais para poder assistir a qualquer acto do culto oficial.

Havia muito tempo que se encontrava paralytica e sofrendo de doença dos rins e doutros incómodos de saúde, tendo-se submetido ultimamente a uma operação bastante melindrosa.

Como devia ser grande a mágia da pobre enferma ao verificar que lhe seria impossível chegar ao local das aparições a tempo de assistir à missa, comungar e receber a bênção dos doentes!

Conformada com a vontade de Deus, já não ousava pedir a sua cura e contentava-se de ir depor aos pés de Jesus Sacramento e da Virgem Santissima o tributo da sua devoção e do seu amor. Mas a Rainha do Céu, na sua bondade maternal, quis recompensar a sua resignação e a sua generosidade, porque, le repente, estando ainda na maca, a pobre doente achou-se curada.

Bem dita seja a augusta Mãe de Deus que não esquece os seus filhos adoptivos que sofrem e os cura, alivia ou enche de consolação e conforto!

Fátima na Bélgica

O rev.º Cônego Dessain, secretário de Sua Eminência o Cardinal Van-Roey, arcebispo de Malines, que no passado mês de Agosto visitou, acompanhado de três sobrinhos, o santuário de Nossa Senhora de Fátima, escreveu ao Ex.º e Rev.º Senhor Bispo de Leiria, em data de 5 de Setembro, a carta de que se reproduzem os seguintes períodos:

«Eu queria, antes de sair de Portugal, escrever duas palavras a Vossa Excelência para lhe agradecer todos os favores e atenções que se dignou dispensar-me, assim como aos meus sobrinhos, mas o navio que devia conduzir-nos ao Havre deixou Lisboa um dia mais cedo e assim a nossa partida foi precipitada. É-me grato comunicar a Vossa Excelência que nos penhorou imenso a sua condescendente bondade para conosco e que apreciámos devidamente as finezas de que fomos objecto da sua parte e aqui lhe renovamos o nosso mais profundo reconhecimento.

A nossa viagem foi uma série ininterrupta de impressões maravilhosas de que conservaremos uma recordação viva e indelével. Eu coloco, como é natural, acima de tudo o mais, os grandíssimos benefícios espirituais que nos proporcionou a nossa peregrinação a Nossa Senhora de Fátima.

Já espalhei, em torno de mim, a boa nova das maravilhas de Fátima, e, se Deus o permitir, espero organizar e dirigir um dia uma peregrinação belga à Cova da Iria».

Por sua vez o rev.º Gaspar Pizarro, S. J., em carta endereçada ao mesmo venerando destinatário, datada do mesmo dia, escreve de Louvain:

«No passado dia 2 tive ocasião de falar, em Malines, com o sr. Cônego Des-

sain. Está encantado com Fátima e com o que viu em Portugal. Pensa em organizar uma peregrinação cada ano, se a Virgem Santissima dispuzer bem as coisas. Sua Rev.ª vai escrever a V.ª Ex.ª Rev.ª e oferecer ao santuário uma lembrança da sua primeira peregrinação.

Encomendei ontem mais 45.000 imagens de Nossa Senhora de Fátima destinadas ao Brasil. O movimento está bem lançado, por isso já pouco tenho de me preocupar com este assunto. Estou disposto tudo para que a propaganda continue sem intervenção nenhuma da minha parte.»

Fátima na Alemanha

O rev.º dr. Luís Fischer, professor do curso teológico da Universidade de Bamberg e autor de vários livros em alemão sobre Fátima, escreveu também ao Ex.º e Rev.º Senhor Bispo de Leiria, em data de 19 de Agosto último, uma carta, da qual se transcrevem os trechos que seguem:

«O Fatima Verlag já encomendou o fabrico duma reprodução lindíssima da estátua com que Vossa Excelência teve a bondade de me apresentar. A estátua tem estado para esse fim em Munich, minha terra natal. Desde que o escultor deixou de precisar dela, encontra-se depositada em casa duma excelente senhora, viuva dum médico já falecido, o dr. Marie Grommes, München 19, Leonrodst 47. Esta piedosa viuva, organizadora de 15 grandes conferências que fiz em Munich sobre Fátima, merecia ser honrada com uma estampa de Nossa Senhora de Fátima, rubricada por Vossa Excelência (ou com uma fotografia de Vossa Excelência). Ela tem cerca de 60 anos de idade, é muito pobre, não tem rendimentos fixos e vive à mercê da Providência Divina, sendo grande devota do Sagrado Coração de Jesus e de Nossa Senhora de Fátima. Duz ntas e quarenta e seis pessoas visitaram a estátua entre 15 de Julho e 13 de Agosto. A estátua tem corrido alternativamente os conventos de Munich (Lamas Inglesas, Capuchinhos, Irmãs do Bom Pastor). Presentemente está na posse das Irmãs do Bom Pastor. A senhora Grommes escreve-me o seguinte: «Munich, 15 de Agosto, 1931. Que dia poderia ser mais próprio do que o de hoje, festa da padroeira da nossa freguesia, para agradecer a V. Rev.ª o favor de ter deixado ficar em nosso poder a sua bela estátua de Nossa Senhora de Fátima! Que a nossa boa Mãe do Céu lhe dê a recompensa do agradecimento de 246 visitantes e 36 órfãos, com que eles enfloraram as suas orações! Eu teria o maior prazer em enviar a V. Rev.ª o meu livro de hóspedes, em que mandei inscrever os nomes dos visitantes de Nossa Senhora de Fátima para lhe dar, meu Rev.º Padre, uma traca ideia do grande reconhecimento, da veneração e do amor filial com que os nossos adoradores nocturnos, que assistiram quasi todos à sua conferência, honraram a Rainha do Rosário de Fátima. O que terá esta estátua de extraordinário? Ela trouxe consigo muitos dos encantos de Fátima! Porque na verdade a estátua vive! Houve muitas pessoas, mesmo do sexo masculino, que deixaram correr as lágrimas enquanto rezavam diante dela.

Resumindo as nossas impressões, direi-nos pudemos sentir um pouco de Fátima. Graças a Deus pela bondade de V. Rev.ª.»

Reitor Honório da Graça e Silva

No dia 19 de Setembro rendeu a Deus a sua bela alma o rev.º Honório da Graça e Silva, numa humilde casa da povoação situada mais perto do local das aparições - Moita Redonda.

Feitos os estudos eclesiásticos no Seminário de Portalegre e ordenado de presbítero, exerceu o ministério paroquial em várias freguesias do Patriarcado, donde era oriundo, pois tinha nascido na freguesia de Serra, de Tomar.

Pastoreou, entre outras as freguesias de Carregueiros, S. Pedro da Beberriqueira e S. Sebastião de Setúbal. Nos últimos anos do antigo regimen foi colado na freguesia de S. Tiago de Beduido, Estarreja, diocese do Pôrto, onde se conservou até 1919.

Neste ano, foi nomeado missionário diocesano, tendo percorrido a diocese no exercicio do ministério da pregação. Foram os trabalhos e fadigas do apostolado que nessa época já adiantada da sua vida mais contribuíram para o agravamento das doenças de que soíria.

Bastante entêrmo e exausto de forças, foi, há cerca dum ano, fixar a sua residência junto do Santuário de Fátima para, como ele próprio disse ao signatário destas linhas, de quem era grande amigo e que tanto lhe devia, descansar e preparar-se para a morte sob o manto da Mãe de Deus.

A população da Moita Redonda considerou como uma grande bênção a vinda para o seu seio daquela veneranda figura de sacerdote, notável pela sua cultura, pela sua virtude e pela sua piedade. Na Capela nova do lugar o rev.º Honório celebrava diariamente o santo

sacrifício da missa, passava horas seguidas no confessionário e prégava a palavra de Deus.

Agora chora sem consolação a perda irreparável do homem de Deus que o Senhor lhe enviara para a edificar e santificar com a sua palavra, com os seus exemplos e com a sua acção sacerdotal. Na manhã do dia 19 a sua alma, desprezando-se do frágil invólucro da carne, vouou para o seio de Deus.

Os leitores da «Voz da Fátima» não se esquecerão de a sufragar nas suas preces. A sua irmã a senhora D. Antónia Serodio e a seu sobrinho sr. Domingos Gonçalves da Silva Dias apresenta este humilde padroeiro das glórias da Virgem as suas mais sentidas condolências.

Visconde de Montelo

Estás a dormir, Mimi?

«Os caminhos de Deus são impenetráveis e, quando lhe apraz, do maior mal faz sair o bem. A confirmá-lo podemos aqui apresentar um episódio que se lê na vida dum santo religioso da ordem de S. Domingos, o P.º Doussot.

Este sacerdote nasceu em Epernay, em França. O pai, um excelente magistrado, era, como se diz agora, um livre pensador, ou, como se dizia então, um voltariano encarniçado. A mãe, que descendia em linha recta, de uma irmã de Richelieu, partilhava da incredulidade de seu marido. Por isto, Gaston Doussot não recebeu, na sua infância nenhuma instrução religiosa no lar doméstico.

Quando tivesse vinte anos, diziam os pais seguindo o critério de Rousseau, tratasse ele disso e seguisse o que lhe parecesse melhor.

Aos sete anos só tinha entrado uma vez na igreja na ocasião de um casamento.

Mas vêde os prodígios da graça! Por uma contradição comum a muitos burgueses a quem tudo corre da mil maravilhas, descrentes em religião, mas conservadores em politica, Mr. Doussot, que não queria que se impusesse uma crença nem a seus próprios filhos (além de um filho tinha também uma filha), pensava no entanto que se devia dar uma religião aos filhos do povo e, com esse fim, protegia os Irmãos das Escolas Cristãs e chamou um para ensinar em sua casa a gramática a seu filho.

A principiar no primeiro dia, esse bom mestre desempenhou a sua função entre-meando-a com reflexões piedosas, como era seu costume.

O aluno ouvia-as com a maior admiração e curiosidade. Soube assim que existia um Deus, criador e salvador, mandamentos divinos a cumprir, que existe a alma e que devemos merecer o céu.

Nada disse a seus pais mas a criança sentiu-se tão interessada que imediatamente quis de tudo dar parte a sua irmãzinha.

Por isso à noite, depois que a criada os deixou a ambos e se retirou, o pequeno Gastão (de sete anos) levantou-se sem fazer barulho e, com os dedos dos pés, foi ter com a irmã Noemi (de cinco anos), entrebriu as cortinas do leito e, muito baixinho, num tom grave, diz-lhe ao ouvido:

— Estás a dormir, Mimi?
— Não, unda não.
— Sabes uma coisa, Mimi? Olha; há um Deus que nos criou e é muito bom.
— Ah! É o que é?

— E Gastão repetiu-lhe tudo o que tinha ouvido do mestre.

No dia seguinte, a mesma cena.
— Mimi, estás a dormir?
— Não.

— Ora ouve: o Irmão disse que era preciso rezar ao bom Deus.

— Pois sim, mas o que é rezar?
— Eu vou-te ensinar. Escuta e diz como eu:

«Padre Nosso...»
— Padre Nosso...
— «Que estais no Céu...»
— Que estais no Céu...

Depois do Padre Nosso, Gastão ensinava a Noemi a Ave Maria. E os dois inocentes fizeram assim durante muitos meses a sua oração da noite em comum.

Até aos nove anos a pequenita não aprendeu mais nada. Até então ela não tinha assistido à Missa nem uma única vez.

Assistiu depois a uma por acaso e Deus, revelando-se-lhe, conquistou-a dum vez para sempre.

Gastão foi para o colégio e como sua família o deixava à vontade como se fosse um adulto, aos dez anos começou por sua livre e espontânea vontade a frequentar o primeiro catecismo do paróquia, depois a segunda parte, até ao momento em que declarou a sua mãe que queria fazer a sua primeira Comunhão.

Os pais, sem lhe responder nem uma palavra, deixaram-no à vontade.

A graça que assim tinha prevenido Gastão desde tão tenra idade, continuou a protegê-lo na adolescência e depois.

Esteve em Paris e ali conheceu Lacordaire, Ozanam e o P.º Petitot. Entrou

na Ordem Terceira de S. Domingos, tomou os seus graus universitários na Escola Normal Superior e, finalmente, fez-se dominicano.

A sua irmã foi chamada, como ele, à vida religiosa e passou por vias extraordinárias. Fundou os conventos das Carmelitas de Meaux, de Fontainebleau e de Epernay e morreu com fama de santida de.

NOSSA SENHORA DE FÁTIMA E AS MISSÕES

Na Zululândia.

Por inspiração do Rev. Dr. Fischer, os R.R. Padres Beneditinos criando uma Missão na Zululândia colocaram-na de baixo da protecção de N. Senhora de Fátima.

Eis a tradução do apelo que o zeloso apóstolo de N. Senhora na Alemanha dirigiu no jornal *Schildwache*.

«Anunciámos há tempo a fundação da Missão «Fátima» em África. Não obstante a crise económica actual vimos, mais uma vez pedir aos leitores da *Schildwache* se dignem oferecer uma pedra para a construção da pequenina Igreja. Os nossos leitores já conhecem a Boa Mãe de Fátima que, aliás, tão pouco conhecida é ainda e que nesta hora em que se decide da vida das Missões quer erguer o seu trono de glória, lá ao longe, entre os pagãos.

Desde o tempo das perseguições aos cristãos da Igreja primitiva, desde as invasões dos povos bárbaros, desde os tempos terríveis da reforma e da contra reforma talvez a Igreja não tivesse nunca atravessado uma hora tão grave para a vida das suas Missões como hoje. E' por isso mesmo que o Padre Pio XI, o grande papa das Missões diz:

«As missões são dia e noite o Nosso pensamento constante. A conversão do mundo, a propagação da fé, dizê-o a toda a gente, proclamai-o por toda a parte, é o Nosso pensamento dominante, é a coisa que mais preocupa o Nosso espírito e que faz pulsar mais intensamente o Nosso coração.»

Não é sem comoção que lemos na Sua Encíclica de 28 de Fevereiro de 1926: «Enquanto Deus Nos conservar um sópro de vida será esta parte do Nosso Apostolado cumprida sempre com temor e com tremor. Consideramos continuamente em espírito que há ainda mil milhões de pagãos e o Nosso coração não encontra repouso pois sentimos no Nosso intimo estas palavras aterradoras: Clama, não cesses, levanta como trombeta a tua voz. (Is. 58, 1.)»

Praza a Deus que este apelo encontre eco nos corações dos amigos das Missões e dos devotos da Mãe de Deus. Os donativos devem ser enviados com a designação «Fátima» para a Abadia das Missões Beneditinas em Münsterscharzach, Nürnberg.»

Transcrevemos a seguir trechos duma carta que o Rev. Thomas Spreiter O. S. B., vigário apostólico na Zululândia dirigiu ao Sr. Dr. Fischer:

Inaugurei a dita missão no dia 13 de Agosto com a Santa Missa mas, infelizmente, só mais tarde soube pela *Schildwache* que nesse dia não houve aparição alguma.

Não temos ainda senão uma pequena casa de adobos com um telhado de zinco. A vida ali não é, por enquanto, nada agradável.

Uma senhora protestante, esposa dum alto dignitário eclesiástico, manifestou, na Quaresma de 1930, o desejo de fazer alguma coisa por Deus N. Senhor e, depois de muito pensar, lembrou-se da nossa Missão, oferecendo-nos o terreno extraordinariamente barato. E' claro que aceitei logo devido à sua excelente situação, perto do caminho de ferro. O terreno abrange uma superficie de 400 ares e presta-se admiravelmente à cultura de açúcar e algodão e ainda à criação de gados. Desta forma tornamo-nos assim mais independentes da pátria para a sustentação do Vicariato. Só o terreno custou 28.000 marcos, ou seja, 70 marcos por hectare. Os terrenos visinhos custam mais do dobro. E o dinheiro que se irá agora gastar com os amanhos... Tudo aqui é extraordinariamente caro, o que dificulta imenso o trabalho das missões. As estampas de N. S. de Fátima que V. Rev.ª teve a bondade de me mandar ornamentam agora a sala onde se celebra a santa Missa. Incluindo a cosinha só há na casa 4 pequenos compartimentos. Confio, porém, absolutamente que N. S.ª da Fátima continuará a ajudar-nos.

Thomas Spreiter, V. A.

Em Angola.

Uma das maiores preocupações do Santo Padre são as Missões.

A exposição missionária no Ano Santo em Roma deu brado em todo o mundo, mostrando a todos a necessidade de

trabalharmos pela conversão dos infelizes pagãos.

A exposição colonial de Paris onde uma grande parte é reservada às Missões católicas e entre nós o brilhante Congresso Missionário de Barcelos em que tomou parte o venerando Episcopado português, presidido por Sua Em.ª o Senhor Cardinal Patriarca de Lisboa, legado do Sumo Pontífice, mostram como os desejos do Santo Padre Pio XI se vão realizando, pouco a pouco. Nossa Senhora, a rainha dos Apóstolos, visitando-nos em Fátima, não só avivou as almas para a fé em Portugal mas no estrangeiro e nos próprios países de Missão.

Já nos referimos à Missão de Nossa Senhora de Fátima de Ganda, na provincia de Angola.

Hoje queremos transcrever, traduzida, uma carta que um dos R. Padres da Congregação missionária do Espírito Santo escreveu ao Rev. Sr. Dr. L. Fischer, o grande amigo de Fátima, e que dá uma ideia das abundantes graças alcançadas pela sua excelsa Padroeira aquela Missão:

Ex.º Sr. Professor: Permita V. Rev.ª que um pobre missionário africano lhe dirija as poucas linhas que se seguem.

Li no n.º 95 do jornalinho português «A Voz da Fátima» que V. Rev.ª acaba de fazer um apelo no seu periódico «Die Schildwache» tendente à fundação duma missão africana sob a designação de «Fátima».

Cumpre-me, pois, dar a V. Rev.ª a grata notícia de que essa projectada missão é já hoje uma realidade. A dita missão foi por nós fundada em Ganda (prefeitura Apostólica de Cubango — Angola, da Congregação dos padres do Espírito Santo), tendo-a colocado sob a protecção de N.ª S.ª do Rosário da Fátima.

Já que V. Rev.ª se interessa tanto pelas missões mas duma forma muito especial pela missão «Fátima» permita-me que lhe dê algumas informações sobre essa sua missão, se assim é licito exprimir-me.

O território dessa missão abrange uma area de 27.000 K.² com uma população de 173.000 habitantes ainda todos pagãos no momento da sua fundação, em 1927.

Segundo o preceito de N. Senhor «lançai as vossas redes etc.» começamos imediatamente, na medida das nossas forças, a missionar essa extensa e povoadíssima região.

Quem estas linhas escreve, teve a felicidade de ser encarregado de proceder ao reconhecimento do território e de encetar os trabalhos preparatórios para o estabelecimento da missão. Mercê de Deus, encontraram-se logo muitos professores indígenas que, voluntariamente, nos auxiliaram na nossa obra. O que com a sua ajuda (temos actualmente 75 catequistas) e com a protecção de Deus e de Maria, foi possível conseguir nestes 3 anos consta da seguinte estatística:

Table with 4 columns: Category, 1927/28, 1928/29, 1929/30. Rows include Baptismos (Total 123, 439, 412), Comunhões (Total 3,641, 7,736, 12,902), Confirmações (4, 22, 117), Casamentos (2, 5, 14).

A proposito de baptizados de adultos julgo bom fazer notar que exigimos 2 anos completos, pelo menos, aos adultos externos, isto é, os que vivem nas suas libatas ou aldeias, e ano e meio a dois anos aos nossos internos da missão.

Duma carta de 18 de Jan.º do corrente ano de 1930 copio para aqui o seguinte: A nossa festa do Natal foi linda e consoladora. Houve 49 baptizados de adultos (os primeiros das nossas escolas), 53 primeiras comunhões, 20 baptizados de crianças, umas 153 comunhões, de 700 a 800 pretos à «missa do galo», no dia 26 tivemos ainda 5 casamentos. Em todo o ano de 1929 (de 1 janeiro a 31 de dezembro) contámos 8826 comunhões, (sendo 92 primeiras comunhões), 467 baptizados e 64 confirmações. Glória a Deus.

Quatro meses mais tarde, com a data de 29 de maio, chegava-me outra carta, em que se lê: Louvado seja Deus, que tempera com as suas consolações, que não merecermos, os nossos dissabores! Assim, na festa da Páscoa tivemos 45 baptizados de adultos (de 7 escolas diferentes), 20 de crianças, 54 primeiras comunhões, e 108 à missa, 1 casamento, cerca de 1.000 pretos à missa e à bênção. Para o dia 13, que é a nossa festa (Nossa Senhora da Fátima) houve um triduo de preparação aos 70 internos, a que assistiram também 50 catequistas e alguns catecúmenos. No dia 13 honrámos a Nossa Boa Mãe, oferecendo-lhe um ramallete de 14 baptizados de adultos, 6 de crianças, 18 primeiras comunhões, além de cento e tantas ordinárias, 2 casamentos e 65 confirmações.

Na linda festa do natal deste ano, registamos:

- 50 baptizados de adultos,
- 54 primeiras comunhões,
- 5 casamentos.

Nas primeiras sextas feiras temos sempre para cima de 100 comunhões.

Para esta missão, à qual quero tanto como à menina dos meus olhos, tinha eu comprado uma estátua de Nossa Senhora da Fátima. Ao receberem-na ficaram lá todos encantados e escreveu-me o superior: Que bela! Que encanto! Quanto mais a contemplo, parece que mais me seduz. Quero ter aqui nesta missão todas as publicações relativas a Nossa Senhora da Fátima. Quero propagar esta santa devoção. É necessário forçar Maria Santíssima a fazer desta sua missão um lugar de peregrinação, cópia da de Portugal. Os brancos desejam fazer uma grande festa, a quando da bênção e inauguração desta estátua. Digne-se fazer a Santíssima Mãe do céu com que eles voltam às práticas religiosas, de que andam tão arredios, desde que vieram para as colónias. Que grande milagre não seria!

Depois de isto tudo devemos de concluir que esta querida missão de Nossa Senhora da Fátima voga num mar de rosas? Oh! não. Há dificuldades, e grandes. O demónio, conforme acaba de me escrever o actual superior da Ganda, não se resigna ao ver que lhe escapa o domínio, que durante tantos séculos exerceu nesta terra da Ganda; trabalha como desesperado e serve-se dos maus para nos guerrear (às vezes até de elementos da nossa cõr; e não só às vezes, sempre ou quasi sempre); mas depositamos as nossas esperanças em Maria. Ela vencerá. E é com toda a confiança, que no meio dos ataques, por deslialis que sejam, entre as procelas por agitados que se nos deparem, cantamos:

A ti, ó Mãe adorada,
Eis entregue a nossa sorte,
Ó linda Estrela do norte,
Ó linda Estrela do mar!
De olhos fitos em teu brilho,
Cativos do teu sorriso,
Ao porto do Paraíso
Havemos de enfim chegar.

P. J. M. Figueiredo S. Sp.

Em Moçambique.

A alma cristã da Missão secular de Santa Ana de Munhuana vibrou, ardente de fé, no mês de Maio, em manifestações de devoção e amor por Nossa Senhora de Fátima.

Quando, em Janeiro de 1928, o seu actual superior, Rev. P.º Fernandes, um zeloso e antigo soldado voluntário no campo das Missões seculares, tomou posse da Missão, encontrou já o culto de N.ª S.ª de Fátima, e era então freqüente, nos baptismos, ser Ela escolhida para madrinha dos neófitos.

Na área desta Missão há famílias cheias de fé que, permanentemente, têm uma pequena lampada acesa em frente duma estampa ou pequena imagem de N.ª S.ª de Fátima. As suas medalhas são as mais procuradas; e, nas doenças graves, tais como partos difíceis e outros casos, a Ela recorrem com pleno êxito.

Assim foi crescendo a devoção à Virgem Nossa Senhora da Cova da Iria, que, em troca, multiplica as suas graças aos que nEla confiam.

A devoção tornou-se geral, e por isso se pensou na aquisição de uma imagem para a Igreja, diante da qual todos pudessem estimular a sua fé e elevar as suas súplicas confiadas e agradecidas.

Os Senhores Jacinto David dos Reis e sua Espôsa D. Maria V. Neto dos Reis, recentemente casados, foram os iniciadores desta piedosa ideia, logo patrocinada pelo seu zeloso Pároco, P.º Fernandes. Os outros paroquianos aceitaram-na também com entusiasmo e, dentro em pouco, estava realizada tão santa aspiração com a aquisição de uma linda imagem de 1.ª e 2.ª avulçada quantia de Esc. 3.600\$00, nas oficinas do Sr.º Panzeres. Em 19 de Abril o Senhor D. Rafael, Prelado de Moçambique benzeu solenemente a imagem de Nossa Senhora da Fátima, e logo então se fez uma numerosa comunhão, de umas 100 pessoas, para atrair as suas bênçãos sobre a Missão da Munhuana.

Foi a imagem colocada num altar, simples, mas bonito, feito em *chanfuto*, madeira da terra, nas oficinas do grande industrial, Sr.º Paulino dos Santos Gil, muito conhecido dos leitores do nosso *Missionário*.

Do lado do Evangelho, outro novo e igual altar foi oferecido ao S. S. Coração de Jesus.

São estes os dois primeiros altares que, no género, se fazem em Lourenço Marques. As despesas de um foram custeadas por subscrição promovida pelo Rev. superior da Missão, as do outro (L. 100.0.0) pela Sr.ª D. Maria Sant'Ana Lobo.

A cerimónia da bênção da imagem foi cheia de devoção, tendo pregado o Rev. P.º Fernandes. Resou-se o Terço, e cantou-se a Ladinha e diversos cânticos,

terminando aquêl acto de amor à Virgem do Rosário pela Bênção do Santíssimo e pela distribuição de 750 estampas e fotografias de N.ª Senhora.

Em 31 de Maio, ao fazer-se a conclusão do mês de Maria, de novo a devoção dos católicos da missão a N.ª S.ª da Fátima se manifestou por uma linda procissão, em que a linda imagem, e um andor lindamente enfeitado pelas Irmãs Missionárias de Maria, percorreu a esplanada do internato da Missão, por entre arcos e bandeiras, mostrando-se aos seus filhos, e espalhando as graças do seu maternal amor por todos eles.

Na procissão, S. Ex.ª Rev.ª o Prelado, que presidiu à encantadora cerimónia, levava o Santo Lenho, debaixo do pálio.

O Rev. P.º Fernandes pregou de novo sobre a devoção a N.ª Senhora.

De manhã tinha havido missa cantada e uma comunhão numerosa de fiéis.

Na procissão incorporaram-se as escolas, masculina e feminina, da missão com 280 crianças, tocando a banda da missão uma linda marcha.

As boas Irmãs Missionárias de Maria cabe uma grande parte do brilhantismo desta linda festa a Nossa Senhora de Fátima, que ficou tendo, em terras portuguesas do ultramar, mais um altar, mais uma Cova da Iria, onde em todos os dias e especialmente todos os dias 13 de cada mês, os seus devotos da Missão de Munhuana vão orar, render louvores, agradecer favores e pedir graças.

Todos são portugueses! e onde está uma alma portuguesa, está um filho de Nossa Senhora de Fátima.

Oxalá que Ela proteja os pobres missionários e missionárias de Moçambique, lhe conceda muitas graças e bençãos, e salve e converta os infieis.

(De O Missionário católico)

A SENHORA DA FATIMA NO BRASIL

No dia 28 de Dezembro p. p., achava-se engalanada a capela da nossa casa da Baía. Ia entronizar-se a formosa imagem de Nossa Senhora da Fátima. Todos quantos são leais devotos de Maria culcavam o que é a inauguração de um altar à Mãe Celeste; mas é necessário ser português, viver longe do país natal, ter ouvido narrar poemas de amor da Virgem bendita para a lusa gente, para fantasiar o que sente o coração ao erguer sobre um altar a imagem da Senhora da Fátima.

No ocasião da bênção, estava magestosa e cativante a linda imagem, entre profusão de flores naturais. As almas ferviam em santas alegrias, e os olhares fixavam-se demoradamente no vulto da prodigiosa Rainha, mensageira de um mundo de recordações e esperanças!

A bênção da imagem efectuou-se às 16 horas. A convite de um protector desvelado das Irmãs, o Ex.º Sr. Armando Almeida, muitos portugueses compareceram ao acto, presidido pelo Ex.º e Rev.º Sr. D. Eduardo Herberhold, O. F. M., Bispo auxiliar da Prelatura de Santarém (Pará). Falou de Fátima, das aparições da Virgem, etc., o Rev. P.º Luis Cabral, que empolgou o auditório durante uma hora.

Ao entrar no Colégio, Sua Rev.ª declarou unicamente porque se havia comprometido. Afóra a proibição médica de pregar durante estes meses, achava-se doente, resultado de uma queda sofrida nesse mesmo dia. Portanto, acrescentou, o meu papel está fortemente comprometido. Contudo a protecção de Maria revelou-se bem manifesta. S. Rev.ª falou durante uma hora; e em vez de mostrar qualquer fadiga, à medida que o seu belo sermão prosseguia, parecia que cobrava novas forças; declarando no fim que se encontrava perfeitamente bom.

Mas, acima de tudo, causou grande júbilo a esperança que ficou em muitos corações do regresso do Sr. W. à religião de seus primeiros anos. Com geral surpresa observou-se que êsse venerando cavalheiro procurou informar-se se de facto ia expôr-se à veneração, no Colégio de S. José uma Senhora muito milagrosa aparecida no seu Portugal. Ciente da verdade, vai ao Colégio, pede que lhe mostrem a Santa e promete ir à bênção da imagem.

No dia prefixo lá está o Sr. W.; porém equivocou-se na hora; a festa era de tarde. — «Não há dúvida, diz êle, voltarei de tarde. Meus negócios urgem; sou intransigente no tocante às minhas refeições e horas de descanso; contudo hoje tudo será preterido porque, dê por onde der, quero assistir à festa da Santa».

E assistiu tão comovido que todos creram que o primeiro milagre da Senhora da Fátima, naquela capelinha, se estava operando. *Nem só em Portugal a Virgem filhos tem...*

Desconheço no Brasil se há um altar levantado à Virgem da Fátima; não afirmo que não exista. Quanto às nossas casas daqui, a da Baía tomou a vanguarda.

Este facto tem sua explicação; mas o que mais importa é que as fervidas preces dirigidas incessantemente ao coração da Gloriosa Imperatriz, transformem aquêl humilde pedestal levantado à celeste Padroeira da lusa gente, em aqueducto de bênçãos para tantos e tantos filhos extraviados.

Uma Francisca. H. P.

(Do Boletim mensal)

Ensinai...

Pelo sinal da Santa Cruz...

Uma das mais sugestivas gravuras que «L'Illustrazione Vaticana» tem publicado é a fotografia da cruz do Coliseu. No meio da arena, que se observa por um dos grandes vomitórios despidos dos seus bronzes e dos seus mármore, levanta-se a dominar e atentar o mortal silêncio do conjunto o signo sagrado da Redenção.

Caíram as Tribunas das Vestais, ruiu o camarim Imperial, pulverizou-se o luxuoso velabro; aquêl terra amassada com sangue de feras e de gladiadores, santificada com o dos mártires serve hoje de pedestal ao troféu glorioso dos grandes lutadores de outrora.

A cruz levantada sobre as ruínas daquelle Monumento é um lindo simbolo: sobre as ruínas do mundo Romano atacado pelos bárbaros ontem, hoje sobre os destroços da reconquista pagã, dentro em breve talvez sobre os restos da civilização do ocidente a cruz erguer-se-há como o sinal pacífico do dominio inauferevel e da vitória eterna do Bem sobre o mal.

É fonte de graça e de defesa

Pelo sinal da cruz entra o homem na vida da graça com a regeneração do baptismo.

Pelo sinal da cruz impresso na fronte e indelevelmente marcado na alma o armam soldado de Cristo no Sacramento do Crisma.

Pelo sinal da cruz lhe lança o sacerdote a alma na posse renovada da graça e o reconcilia de novo com Deus no Sacramento da Penitência.

Com o sinal da cruz traçado pelo Corpo Augusto do Senhor se lhe acrecece e intensifica a vida interior e se alimenta a alma neste vale de lágrimas.

E ainda o sinal da cruz que na ordem espiritual e na ordem temporal preside à formação daqueles a quem compete a continuação da vida nas almas (pela Ordem) e nos corpos (pelo Matrimónio).

Do berço ao túmulo, da Mesa da comunhão ao altar do sacrificio, da pia baptismal aos ritos nupciais o sinal da cruz é o sinal sensível da protecção e acção de Deus sobre nós.

Quanto amor não devemos pois ter a este santo e devoto sinal!

Não nos recorda só o drama agosto da Paixão e Morte do Redentor mas lembra-nos continuamente uma chuva perene de bênçãos que com êle e por êle o Senhor derrama sobre as nossas almas.

Por ela os mártires faziam em pedaços os ídolos blasfemos.

Por ela se apaga o fogo devorador; por ela se muda em doce libação o mais violento veneno; por ela foge o demónio corrido de medo e vergonha, por ela cessam ou abrandam as tentações, por ela se desvanecem os perigos, por ela se robor a alma periclitante.

Como devemos fazê-lo

Como tantos que usam de trejeitos e monices ridiculas? Como tantos que parece queimarem-se, tão depressa e a correr o fazem?

Pelo amor de Deus!
Esses nem sequer sabem o que estão a fazer.

Distraídos, inconscientemente movem o braço automaticamente e mal.

Se ao menos tivessem a intenção...

O demónio ri-se...

Como nos devemos benzer e persinar?...
— Com atenção, com fé, com piedade, com reconhecimento.

Cada sinal da cruz pode e deve ser uma prece um acto de adoração, um piedoso agradecimento, um acto de íntima convicção da presença de Deus.

E assim é impossível fazê-lo mal.

Ah como edifica ver um sinal da cruz bem feito!...

E que o exterior é a manifestação do interior.

O cristão que devotamente faz sobre si o sinal da cruz mostra que tem a sua alma ordenada e a bem com Deus.

O sinal da cruz torna-se assim num magnifico atestado para aquêl que o faz e um excelente instrumento de apostolado para aquêl que o vêem fazer.

Façamos bem o sinal da Santa Cruz! E ensinemos as creancinhas a fazer-lo igualmente bem!

E quando?

Se ele é uma oração, que o primeiro acto do dia e o último ao tomar o descanso, seja o sinal da cruz.

Porque afugenta o demónio e afasta as tentações, devemos marcar-nos com esse sinal bendito ao começar a nossa oração na igreja ou fora dela e sempre que precisemos de invocar o auxilio divino.

E não nos envergonhemos nunca do mais augusto, do mais nobre e mais honroso sinal e distintivo de quantos existem.

Quando tantos se orgulham de coisas degradantes saibamos nós ter no devido apreço uma que nos dignifica e eleva, pois nos torna assinalados para Deus.

Quando?
— Com muita freqüência! Muitas vezes ao dia!

Recordando...

Acompanhar-nos-á pela vida além a amorosa recordação de tanta cruz traçada sobre a fronte pelo carinho de mãe ou descrita no ar com a autoridade paternal. E esses sinais da cruz transformam-se-nos em bênçãos pela vida fóra.

Em bênçãos de Deus se hão-de transformar também os sinais de cruz que sobre a multidão de centenas de milhar de pessoas apinhadas à sua volta, os Senhores Bispos de Portugal, todos à uma, fizeram na Fátima no último dia 13 de Maio e que pelo inesperado e imprevisível e constituíram um dos mais empolgantes e inolvidáveis espectáculos de fé e amor.

Uma alma pequenina

Graças de N.ª S.ª de Fátima

Congestão

Venho pedir a fineza de publicar o seguinte no Jornalinho de Nossa Senhora da Fátima.

Há uns três anos, aproximadamente, implorei com a maior confiança possível a SS. Virgem em favor de um filho meu de 18 meses que estava muito aflito.

Estavamos todos à mesa quando a criancinha nos apareceu na sala de jantar congestionada e aflita com qualquer coisa que tinha engolido e que nunca soubemos o que seria. Chegou a cair por terra quasi asfixiada!... Vendo o meu querido filho quasi morto e num tormento tão grande, ajoelhei e pedi misericórdia Aquêl a quem a Igreja chama a *Consoladora dos aflitos*, e daí a pouco a criancinha descançou e tudo lhe desapareceu para sempre. Nunca serei capaz de agradecer convenientemente tão grande graça que eu atribuo à intercessão de Nossa Senhora.

Quero agradecer-lhe também a cura de meu Pai que se encontrou muito doente do coração e de que já há tempo se encontra bem não tendo feito mais do que pedir a N.ª S.ª de Fátima o alívio para o seu padecimento.

Chalet Castelo Branco — Valadares

Maria Inez Figueira Andrade Nogueira

Diversas graças

Um meu filho sofria de albumina e de uma outra doença interior, e por causa duma dieta rigorosissima que lhe impuzeram tornou-se tuberculoso.

Eu tinha uma doença num rim e estive no Hospital de Coimbra para sofrer uma operação, mas a bexiga e o rim estavam de tal maneira que o meu médico, um especialista de rins, disse que não podia fazer operação devido ao mau estado em que estavam. Como me vi e a meu filho único às portas da morte pedi muito a Nossa Senhora da Fátima que nos salvasse. Ela, sempre boa, ouviu-me salvando-me e a meu filho.

Continuo com o meus trabalhos escolares e só quando me sinto um pouco incomodado tomo um remédio para desinfltar o rim, e o mau estar passa logo. Meu filho está completamente são dos pulmões. Continuou a estudar mas um pouco fraco de vista. Em setembro de 1930 quis ir a Fátima a cumprir a minha promessa de entregar o meu coração de oiro que devia, mas no dia 11 o meu filho, que também devia ir, teve umas hemorragias na vista, e não foi possível acompanhar-me a Fátima.

Antes de ir confessei-me e comunguei, e lá incorporei-me na procissão das velas, estive muito tempo junto de N.ª Senhora, ouvi muitas missas entre outras a do Ex.º Sr. Bispo de Leiria, assisti à bênção do SS. Sacramento, e durante êstos actos fui sempre pedindo a N.ª Senhora pelo meu filho. Infelizmente, ao chegar a casa encontrei-o cego! Foi Nossa Senhora que assim o permitiu talvez para aumentar a minha perseverança em lhe pedir e depois o meu amor em lhe agradecer. Peço, pois, para publicar as graças já concedidas para que N.ª Senhora seja honrada e me conceda agora a cura da cegueira de meu querido filho

Ceira, 25-6-1931.

Maria da Assunção Sant'Ana

Graça espiritual

Peço a fineza de tornar pública uma grande graça espiritual que recebi por intermédio de N.ª Senhora da Fátima.

Ha ano e meio vi-me tão aflita e desconsolada que ninguém da terra era capaz de me valer. Comecei então uma novena a N.ª Senhora da Fátima, e no último dia fui atendida pela *Consoladora dos Aflitos*. A vida em minha casa era tão desassocegada e cheia de martirios e inquietações que, se não fóra a minha fé, seria insuportável: — meu marido, então sujeito ao pecado que tira a paz a tantas famílias, transformou-se já no que deveria ter sido sempre. Por isso agradeço hoje a Nossa Senhora com todo o coração esta indigna filha de Maria de

Torres-Novas. — J.

Inação nos ombros

Peço que tenha a bondade de publicar na *Voz da Fátima* uma graça que Nossa Senhora me alcançou.

Desde o dia 13 do corrente que me achava prostrado de cama com dores tais que me impediam todos os movimentos do corpo, pernas e braços. Os meus membros pareciam de chumbo! Remédios e fríxos applicava-os continuamente mas sem o mínimo resultado. Por fim veio-me uma febre muito elevada. Com esta impossibilidade grave e sendo chefe de uma familia numerosa e em parte ainda menor, recorri à Virgem Mãe da Fátima e prometi que, se no dia seguinte me achasse melhor, havia de publicar o favor do céu no Jornalinho da Fátima. Isto foi prometido, ontem, e hoje estou de tal forma que parece não ter estado doentel... sinto-me bem disposto e sem dores e móvo perfeitamente os membros; enfim, julgo-me curado, graças a Nossa Senhora da Fátima.

Brasil, Sant'Ana dos Olhos d'Agua, 18-6-1931.

Joaquim Ferreira Lavos

Doença no estômago

Maria Gonçalves, da freguesia da Cela, concelho de Alcobaca, diz:

Sofri há tempos do estômago. Por fim as águas espalharam-se-me no corpo a ponto de os médicos não conseguirem tirar-mas!...

Tive de estar coberta de gelo o espaço de 15 dias, ao fim dos quais os médicos declararam a minha familia que não se entendiam com a minha doença, já-mais que se tratava de uma doente de 61 anos de idade. Desenganada na terra, voltei-me então para Nossa Senhora da Fátima a quem hoje venho agradecer a minha cura, porque graças a Ela e a seu bendito Filho, sinto-me bem e julgo-me curada. Os remédios da minha cura foram orações, água da Fátima e a Misericórdia de Nossa Senhora a quem quero sempre louvar na terra enquanto viver e no céu depois da minha morte.

Maria Gonçalves

Graça particular

José da Anunciação Alfaiate, aluno do Seminário de Nossa Senhora de Guadalupe, diocese de Beja, diz: «tendo recorrido com grande confiança à protecção de Nossa Senhora da Fátima numa circunstância bem difícil e aflitiva da minha vida, e tendo sido atendido na minha súplica, venho cumprir o grato dever de publicar esta graça para honra e glória da Santíssima Virgem e edificação de quantos isto lerem.

Seminário de Serpa.

José da Anunciação Alfaiate

Doença grave

A. Ferreira, de Lamego, em uma grave doença recorreu ao auxilio da Santissima Virgem da Fátima e tendo sido atendido vem patentear o seu profundo reconhecimento e enviar uma esmola para ajudar as despesas das obras.

A. Ferreira

Febre tifoide e bronquite

Cheia de gratidão para com a Augusta Mãe de Deus — Nossa Senhora da Fátima, venho pedir o favor de publicar no *Jornal Voz da Fátima* a grande graça que a Virgem bendita se dignou conceder-me. Em 20 de Abril de 1930 um dos meus filhos foi acometido pela febre tifoide, sobrevivendo-lhe pouco depois uma bronquite pulmonar. Consultei alguns médicos sem obter resultado sensível, até que um deles chegou a dizer-me que não conhecia remédio que o curasse. Que grande desgosto sofria eu e o pai, já-mais que êste meu filho tinha começado em Outubro último os seus estudos no Seminário de Leiria que teve de abandonar! Cheia de muita confiança voltei-me para Nossa Senhora pedindo-lhe a cura de meu filho para honra e glória da SS. Trindade. Prometi ir a Fátima os meses que pudesse e comungar em desagravo das muitas ofensas que se fazem a Nosso Senhor e pela conversão dos pecadores, e graças à SS. Virgem, as melhoras vieram rapidamente. O Sr. Dr.

António da Luz Preto, delegado de saúde em Ourém já o declarou curado. Já frequentou novamente o Seminário durante todo o ano passado sentindo-se sempre muito bem.

Imensas graças e louvores dou à SS. Virgem por se dignar atender o pedido desta sua indigna filha

Pontes, freguesia de Ceissa.

Carlota de Jesus

Diversas graças

Agradecem-se a Nossa Senhora as graças seguintes:

Augusta Lopes, agradece a Nossa Senhora a graça de uma pessoa, por quem se interessava, ter recuperado a fala que havia perdido. A graça foi pedida por intermédio de Santa Terezinha e de Nossa Senhora da Fátima.

Maria Lopes, agradece a Nossa Senhora uma graça particular que lhe alcançou.

Maria da Conceição Paula, dos Rios agradece a Nossa Senhora o ter-lhe alcançado a cura da garganta de que sofria havia muito tempo. Tomou algumas gotas de água da Fátima, fez algumas orações e Nossa Senhora atendeu-a. Agradece reconhecida.

Ana Maria de Moraes, do Vale da Madre, agradece a cura de sua Mãe que estava desenganada pelos médicos.

Belmira Mendes, de Pousaflores agradece a Nossa Senhora o ter-lhe alcançado a cura do seu estômago de que sofria muito.

Maria Genevieve Drummond — Ilha Terceira — Praia da Vitória, agradece a Nossa Senhora o ter sido bem sucedida numa operação perigosíssima a que teve de sujeitar-se. A operação correu bem e a convalescença foi rápida o que vem agradecer a Nossa Senhora a quem deseja sempre amar.

AVISOS

I

Assinatura anual da «Voz da Fátima»:

Portugal e Colónias 10\$00
Estrangeiro 15\$00

Como os Ex.^{mos} Snrs. assinantes e leitores notaram, em Maio último aumentou o formato do jornal e por conseguinte aumentaram as despesas, como se vê nas contas publicadas no mesmo jornal. O preço da assinatura ficou como era, de maneira que muito se agradece qualquer esmola para que a *Voz da Fátima* possa continuar a ser publicada com numerosa tiragem.

II

A pessoa encarregada de expedir água da Fátima e objectos religiosos é o Snr. António Rodrigues Romeiro — Santuário da Fátima. É necessário que os pedidos venham acompanhados da *directão bem legível* e que nela se indique a estação em que os Ex.^{mos} Clientes desejam receber a encomenda que, por vezes, tem de ser despachada pelo caminho de ferro.

III

De hoje para o futuro só se publicam graças cujos relatórios venham assinados pela pessoa que as recebeu ou por outra pessoa a rgo seu, sendo necessário também vir o nome de suas terras.

A redacção

TEMO QUE SE RIAM DE MIM

Muitas pessoas deixam de praticar a religião por esta simples consideração que fazem a si mesmas: *«rir-se-iam de mim»*. Médo e mais nada. Muitas vezes temos observado este fenómeno.

Vamos, pois, fazê-lo comparecer no tribunal da razão.

Ninguém quer passar por falto de inteligência e tólo. Pois eu digo e vou provar que quem obedece ao respeito humano e tem médo da opinião dos outros pratica um acto de estupidez e loucura.

Ter médo da opinião é querer contentar todo o mundo e isto é uma insensatez.

Ouvi. Deixai-me contar-vos uma anedota muito conhecida mas que contém uma verdade muitas vezes esquecida. É a história do moleiro, o filho e o burro.

O moleiro e o filho conduziam o jumen-

to ao mercado para aí fazerem as suas vendas. No caminho encontraram um homem que lhes disse que era asneira irem ambos a pé e o jumento assim tão leve. Montou um mas daí a pouco nova censura ao filho que deixava ir o velho a pé. Desce-se o filho mas daí a instantes outros censuravam porque a criança tenrinha ia a pé. Para nova experiência, montam ambos o burro mas não tardaram as censuras com tão grande *crudelidade* para com o jumento.

Creio que ainda experimentaram levar o burro às costas mas então é que o público riu a bandeiras despregadas.

Obedecemos, pois, a Deus, e pouco nos importa a opinião dos homens.

Contentar a toda gente é absolutamente impossível. Lembra-se daquela sogra que dizia para o genro: «Porque mandaste cortar o cabelo tão curto? — Curto? Mas eu não mandei cortar o cabelo!

— Está bem, mas então porque esperas para o mandar cortar, que tanto precisas?»

Ou então o caso do encarregado do registo civil em uma aldeia que, fazendo um casamento, lia a lei aos noivos: «a esposa seguirá o seu esposo para toda a parte para onde elle fór».

— Mas isso é impossível (exclama a esposa) porque o meu marido é revisor no caminho de ferro!»

Eu lastimo aqueles que souberam ser possível seguir sempre a opinião dos outros. E' mais digno de dó que o genro que queria seguir a opinião da sogra ou que a esposa que fosse condenada a seguir por toda a parte o seu marido, revisor de comboios.

A opinião de ontem não é a mesma de hoje e esta não será igual à de amanhã. A opinião de Pedro é oposta à de Tiago e esta é oposta à de João. Sobre o mesmo objecto um diz sim e outro diz não, e um terceiro nem uma coisa nem outra. Cada cabeça cada sentença.

Existe um Deus ou não existe? O homem tem uma alma ou não? O culto religioso é necessário ou é inútil? O cristianismo é verdadeiro ou não é? E' necessário ir à Missa ou não é?

Por favor não consulteis a opinião dos filósofos nem as multidões! Acreditai no que vos diz a consciência, na palavra da Bíblia e na da Igreja. Sócrates tinha-se acostumado ao mau génio e ralhos da mulher como nos acostumamos ao tic-tac dum relógio ou ao movimento de uma máquina de costura. Trata assim a opinião dos outros. Ter médo delas é querer contentar a toda a gente, querer o impossível. E' uma loucura.

Ter médo da opinião é temer uma quimera, uma coisa vã.

Quem receia a opinião tem médo do nada ou menos que nada.

É uma aparência, um fantasma, uma imaginação, um nada. Um caçador pôs-se a caminho e, por um esquecimento imperdoável, não levou cartuchos para a espingarda. Levanta-se uma lebre, uma linda lebre. Quando o caçador se prepara para atirar diz-lhe o companheiro que a espingarda não está carregada. «Calante homem, que a lebre não o sabe». O caçador deu ao gatilho e a lebre... caiu. Estava morta de... médo!

Infelizmente não é no mundo dos quadrúpedes que o médo mata!

Um certo homem está em plena idade madura, na inteira posse da sua inteligência, da sua fortuna e da estima de seus semelhantes.

Terá médo de quem? E de quê? Será do seu subalterno, do seu criado, do filho? Será de ti que mal o conheces? E tu terás médo dum que te conhece ainda menos? E aí então os dois a tremer, um diante do outro, sem saber porquê, tirando um ao outro a liberdade do bem, matando um ao outro a dignidade da vida, pendência de uma alma honesta!

—Esse soldado doente lá vai para o hospital morrer sem sacramentos. Tem receio dos camaradas da enfermaria que se ririam d'ele.

Mas um destes aproximando-se do moribundo lhe segreda: «que pensas tu que nós somos? olha que não somos nenhuns pagãos. Ha já dois dias que nós perguntávamos que se tu querias para aí morrer como um cão ou como cristão.»

Uma hora depois, o moribundo, curado da doença do médo, confessava-se, recebia o Sagrado Viático e a Extrema-Unção e morria santamente.

O idolo dos selvagens não é senão um bocado de pau ou de metal, mas o selvagem trata-o como se fosse um Deus, teme-o e resa-lhe.

O poder do idolo não vem da sua natureza mas dos seus adoradores.

Da matéria, o idólatra faz um Deus. É assim a opinião. É uma ideia que nós mesmos forjamos e diante da qual trememos. Destruamos esta vã ideia.

— Uma batalha perdida é uma batalha que nós previamente julgámos perdida, dizia um general.

Numa batalha, quasi derrotado, um general não querendo ser, não o foi. O

general Frossard, sem razão nenhuma, pensando que perdia, foi vencido.

Assim é vencida muito boa gente e até cristãos nos combates da verdade e do bem.

Creem vê um dar de olhos, um meñar de hombros, um movimento de lábios, um sorriso equívoco e... aí ficam eles derrotados, num estado lastimoso.

Ficam sem pernas sem voz, sem coração, adeus convicções; já ali não está um homem!

Hesitam, recuam. Julgam-se vencidos e, porque assim o pensam, são vencidos.

No entanto aquilo que elle teme é menos que nada.

— Quem é que vos causa tão grandes sustos? um ignorante que, com duas palavras, se reduzia ao silêncio.

Um valente soldado de artilharia fazia a sua oração da noite, de joelhos, junto do seu leito. Um camarada querendo fazer espirito e rir-se à sua custa, diz-lhe: «a tua mãe deve ter sido uma grande beata por ter feito de ti tão bom cristão.» Este sem se perturbar, aproxima-se do escarnecedor, fita-o desde os pés até à cabeça e replica-lhe: «é preciso que tua mãe seja um réles animal para dar à luz um tal macaco.» Tõda a camarata desatou a rir.

— Quem é o que vos causa tanto pavor?

Uma desgraçada criatura que só mece o vosso desdém. Aqui está um jovem operário muito instruido que conhece bem a sua religião e os seus deveres. Sabe que todos os grandes tratantes, todos os fautores de desordens, todas as inteligências desviadas, todos os corações corrompidos gritam contra a religião e que quasi todos os grandes pensadores, quasi todos os grandes escritores e, em particular, todos os grandes benefeitores da humanidade foram homens profundamente religiosos, ou ao menos, profundamente respeitadores da religião. Sabe que o seu dever é ir à Missa e à desobriga pela quaresma. Sim, mas esse operário de dezoito anos trabalha perto dum caixa de quinze anos. Ora o garoto, que traz já a marcar-lhe a fronte os sinais dos seus vícios, atirou um dia uma palavra contra a religião, contra as suas crenças e práticas.

Ora, uma palavra saída de tal boca que vale? Era despresá-la e... pronto.

— Terás médo da opinião dum fraco que foi educado cristãmente, que conhece o seu dever mas não tem a coragem de o cumprir, que vê na vossa fidelidade uma amarga lição e uma repreensão viva pela sua apostasia e que procura fazer-vos apostatar pensando que assim se livra de um remorso?

— Será o receio de um poltrão que se ri de ti em público mas te imita às escondidas?

A um galucho que não tenha as botas devidamente engraxadas perguntou o cabo: «que fazes tu de manhã quando te levantas?» O galucho respondeu: «Faço o sinal da cruz».

Tudo se largou a rir e o pobre rapaz ficou desconcertado.

O sargento que tudo tinha observado aproxima-se, aperta-lhe a mão e diz diante de todos em voz alta: «Por vères os outros a rir talvez pensés que dissesse alguma asneira.

Desengana-te, meu amigo: o que tu fazes também eu o faço todos os dias. E os que se estão a rir também o fazem mas não teem a coragem de o dizer».

Só os maus se riem de quem cumpre o seu dever.

Ter receio da opinião é sacrificar o essencial ao acessório e portanto, uma insensatez.

Procede racionalmente aquele homem que transgrede a lei divina para agradar a um imbecil cuja libertinagem reprova lá no fundo do seu coração?

E há-de perder a sua alma para obedecer a essa gente sem consciência e sem pre sem mandato?

Sacrifica o essencial ao acessório, a sua eternidade a um interesse mínimo e passageiro, a aprovação de Deus à opinião dos homens.

— Será razoável esse doente que vai morrer e não se atreve a mandar chamar um sacerdote?

Mas éle tem médo. Recorda-se que num certo enterro um convidado censurou um dos seus amigos que recebeu os Sacramentos e treme da amanhã ser objecto das mesmas cétricas censuras.

Sacrifica o essencial ao acessório, o seu dever ao seu amor próprio mal entendido, o juízo de Deus à opinião dos homens.

E um insensato. É a inversão do mais elementar bom senso.

Em conclusão, não é razoável ter médo da opinião, isto é, querer contentar toda a gente, com médo dum quimera, sacrificando o essencial ao acessório.

Imitemos antes o grande O'Connell. Um dia no parlamento inglês, quiseram inju-

riá-lo chamando-lhe papista. Ele levanta-se e exclama: «Sim, sou papista e gloriome disso, porque papista quer dizer que a minha fé, por meio da sucessão não interrompida de Papas, remonta até Jesus Cristo, em quanto que a tua não vai além de Lutero, de Calvino, e de Henrique VIII e de Isabel.

Sim, sou papista. No entanto se tu tivesses uma faisca de bom senso, saberias que, em matéria de religião, é melhor depender do Papa que do rei, da tiara que da coroa, do báculo que da espada, da batina que da farda, dos Concílios que dos Parlatamentos. Envergonha-te de não teres fé nem inteligência e cala-te».

O outro calou-se e não tinha outra coisa a fazer.

Imitemos o general de Miribel. Aconselharam-lhe que não praticasse ostensivamente os seus deveres de cristão para que isso não entravasse a sua ascensão às honras. A isto respondeu elle: «Tenho dois deveres a cumprir: o dever de cristão e o de soldado, que longe de se excluírem se ajudam e fortificam.

Estou sempre pronto quando fór preciso, a dar o meu sangue e a sacrificar a minha vida, mas a minha consciência e a minha alma, isso nunca!»

Imitemos para terminar, um outro exemplo de mais perto, acontecido numa cidade visinha que um destes dias foi abordado por uma chusma de livres-bebedolas.

«Conheces o prior de...»

«Conheço sim, é o meu confessor».

E toda aquela povoação do café meteu a lingua no sacco. Os que iam para ir à lá ficaram tosquitados.

Aquelas simples palavras desarmaram aqueles que se julgavam espiritos superiores. Ah! O poder do homem, dum homem que tem fé e que tem a coragem da sua fé!

Sejamos, pois, homens de fé e confessemos-lhe sem médo!

VOZ DA FATIMA

Despesas

Transporte	284.602\$19
Papel composição e impressão do n.º 108	79.000
exemplares... ..	5.458\$80
Franquias, embalagens, transportes, etc.	1.398\$35
Na administração de Leiria.	134\$50
Total... ..	291.593\$84

Donativos desde 15\$00

P.º Francisco Xavier — Torres Vedras, 50\$00; Ilda Duarte Rodrigues — Lisboa, 50\$00; Maria Silva — América, 21\$10; Ana J. Corey — América, 21\$10; Manuel Maria Lucio — Vila Nova de Gaia, 20\$00; Um devoto do Porto, 20\$00; José dos Santos e Silva — Baião, 20\$00; P.º João Tavares Correia — Porto, 15\$00; Henriqueta A. Rodrigues — Tarouca, 20\$00; Azilo Calipolense — Vila Viçosa, 70\$00; Assinantes em S. Tiago de Cusateias — Porto, 110\$00; Maria José M. C. da Silva — Porto, 40\$00; João Vieira Vivo — California, 1 dolar; Leopoldina F. do Carmo — Palhaça, 90\$00; Aida d'Ag. Ferraz — Palhaça, 65\$00; Carmina Vieira — Palhaça, 38\$00; Colégio Sacré Coeur de Maria — Brasil, 25\$20; Esmola de Ilhavo, 20\$00; Maria L. de Moura — Lisboa, 15\$00; P.º António B. Gonçalves — Sem. do Rachól, 35\$10; Igreja de S.ª Maria Madalena — Lisboa, 40\$00; Aires Gomes — S. Pedro do Sul, 30\$00; P.º Vitorino José de Pinho — Louzada, 30\$00; Maria Amélia S. de Albergaria — Foz do Douro, 50\$00; Matilde Teixeira — Sabrosa, 20\$00; Amadeu da Conceição Rôxo — Bragança, 20\$00; Maria de Jesus Mendes — V. Nova de Baronia, 15\$00; Igreja dos Anjos — Lisboa, 235\$00; Teotonia Pamplona C. Real — Açores, 20\$00; P.º Roberto Maciel — Braga, 20\$00; Maria Izabel Fernandes — Braga, 20\$00; Efigénia dos S. Carvalho — Gaia, 20\$00; Georg Pfarrer — Oststmk, 31\$38; Elena A. da Silva — França, 15\$00; Igreja de S. Sebastião da Pedreira — Lisboa, 18\$40; Dr. Henrique de Queiroz — Vizeu, 15\$00; Manuel R. da Costa — Guarda, 100\$00; Candido Prior — Vila de Rei, 20\$00; Peditorio em Alenquer, 40\$00; Distribuição em Extremoz, 180\$85; Maria Augusta Cunha, 15\$00; Luis Lemos — Beja, 20\$00; João Cofre — Madeira, 15\$00; Maria da Conceição Vieira — Lisboa, 50\$00; Dr. Carlos M. Ribeiro — Brasil, 15\$00; Sancia de S. Moreira — Calçada, 15\$00; Maria I. S. Batista — Montoito, 20\$00; M. José dos Santos Moreira — L. da Palmeira, 20\$00; Igreja do Mexial, 75\$00; M. Urbano Alves — Faro, 20\$00; Maria Rita P. da Cunha — Viana do Castelo, 20\$00; Maria Bensaude — M. Real, 50\$00; Maria Ferreira Figueiredo — Lisboa, 130\$00; Madame Encarnação — Lisboa, 20\$00.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

Cuidado! Com Deus não se brinca...

O semanário Católico espanhol «*Galicia Social*» de 22 de Agosto último contava o seguinte:

Numa das igrejas incendiadas há tempos, figurava o famoso Crucifixo debuxado por Pedro de Mena, grande escultor espanhol. Quatro desgraçados, pelas ideias professadas, foram buscá-lo ao sitio onde se encontrava e conduziram-no para a rua. Um d'elles, despedaçou o divino rosto, e cada vez que depois de isto tentava dar-lhe novos golpes, retrocedia involuntariamente, movido por uma força desconhecida.

Dirigiu-se aos seus companheiros e disse-lhes:

— Voltai-o e colcai-lhe a face por terra, pois parece que me olha de uma maneira...

Obedeceram os três amigos e aquele continuou a sua sacrilega destruição, partindo-lhe os braços e, por fim, as pernas.

Terminada a sua inqualificável obra, dirigiu-se a uma taberna onde fez gala da sua valentia, até que chegada a noite saíram para suas casas.

O que tinha destruido o artístico Crucifixo ao encontrar-se na rua, disse:

— Que noite tão escura! Não se vê nada!

— Enganas-te! A noite está claríssima, — respondeu um d'elles.

E não se falou mais durante o trajecto, ficando aquele em sua casa e seguindo os outros para as suas.

Deitou-se satisfeito pela sua obra e, no dia seguinte, como não se levantasse o que destruiu a imagem, sua mãe chamou-o e, abrindo as janelas, diz-lhe:

— Levanta-te que é tarde e está um dia formoso.

O filho abriu os olhos; porém, como não visse o formoso dia em que lhe falava sua mãe, sentou-se nervoso no leito, esfregou as pálpebras fortemente, dizendo: — Não sei que tenho na vista.

Levantou-se mais excitado ainda, dizendo à mãe que levantasse a cortina, pois elle não via o sol.

A mãe fez-lhe a vontade e elle fitando o firmamento, perguntou todo convulso:

— Aonde, aonde está o sol que eu não o vejo?

E, convencido que não o via, caiu nos braços daquela que lhe deu o ser, exclamando angustiosamente:

— Minha mãe, estou cego!

— Por desgraça, é verdade, meu filho, trocando-se um estreito e demorado abraço de amargural...

Assim foi castigada a sua maldade. Meditem neste caso todos os vândalos do século XX.

Um meio de exercer o apostolado

Um propagandista do excelente jornal *La Croix*, deu-se a correr mundo em busca de assinantes, e teve o seguinte diálogo numa aldeia com um velho pároco octogenário:

— Bons dias, senhor Prior. Então que me diz? Arranjam-se por aqui algumas assinaturas para o nosso jornal católico?

— Quem dera, meu caro senhor! Mas não acho elementos para isso.

— Quem sabe? Talvez com algumas visitas que fizéssemos...

— Pois experimente.

Efectivamente o propagandista da boa imprensa pôz-se a fazer visitas toda a tarde.

As oito horas da noite já tinha feito quinze e recolhido onze assinantes novos. Ao recolher-se a casa, encontrou-se com um grupo de mulheres, e disse-lhes que vinha de propósito de Paris para propagar o bom jornal. Foi o melhor meio que elle podia empregar para que logo em toda a povoação se soubesse do fim a que vinha. Volta a casa do pároco.

— Boa noite, senhor Prior.

— Muito bem vindo. Então não lhe tinha eu dito que não arranjava nada?

— Não é tanto assim. Olhe que já tenho onze assinantes.

— Onze assinantes! Então ponha-me lá a mim também, e complete-se a dúzia.

No outro dia continuaram as visitas até às onze horas e recrutaram mais oito assinaturas, entre elas a dona da hospedaria e a vendedora dum jornal parisiense; e ainda se esperava a resposta definitiva de mais cinco pessoas. Em suma, de todos aqueles a quem o propagandista falou, só cinco o recusaram.

Quem dera à nossa imprensa religiosa propagandistas tão dedicados, activos e perseverantes!

Lembrem-se que a propaganda da boa imprensa é o grande apostolado dos tempos modernos.